

Fernand Deligny: o humano não cai do céu...

Última entrevista de Fernand Deligny, concedida em abril de 1996 a Jean-Paul Monferran, jornalista do *L'Humanité*. Publicada em 12 julho de 1996, cerca de dois meses antes da sua morte (ocorrida em 18 de setembro, em Graniers, quando Deligny contava 83 anos). Texto original (francês) disponível em: <<http://www.humanite.fr/node/135364>>. Tradução: Thalita Carla de Lima Melo. Revisão: Eder Amaral.

Este homem nunca deixou de estar “ao lado”, “à margem” e “à contracorrente”. Sobre as escolas, as instituições e os hospitais psiquiátricos, ele disse: “Não sou um dos seus”, e quis “permitir os traços da escritura de Janmari” – a criança autista, agora já adulta, com quem partilha a existência desde 1967. Este homem esteve na moda por um tempo (como se costuma dizer): “educador” renomado, autor de “Graine de crapule”¹, incessantemente reeditado desde a Liberação². Livro que serviu como um tipo de provisão (termo horrível!) para aqueles que trabalhavam junto à infância. Este homem, para quem não chega a ser um problema passar do vinho à água³, escreveu certo dia: “Quando tudo anda bem, é hora de tentar outra coisa”. “Estranho, inapreensível, desconcertante”, disse Roger Gents sobre Deligny no jornal “La Quinzaine Littéraire”⁴, em setembro de 1980. “Está sempre num lugar diferente daquele onde acreditamos situá-lo. Com frequência, usando inclusive a si mesmo para embaralhar as pistas”. Este homem coloca questões curiosas – “o poder, de onde vem?” –, procede por aforismos: “tomar a palavra é ser tomado por ela”. E, sem dúvida, não deixou de procurar “viver no infinitivo”. Encontrei Fernand Deligny no vilarejo de Graniers, município de Monoblet, departamento do Gard, entre 18 e 19 de abril de 1996.

Jean-Paul Monferran: *Há mais de quinze anos que você parece ter escolhido o silêncio...*

¹ DELIGNY, Fernand. *Graine de Crapule*. Lille: Éditions Victor Michon, 1945; Paris: Éditions du Scarabée, 1960. Reeditado em: DELIGNY, Fernand. *Œuvres*. Édition établie et présentée par Sandra Alvarez de Toledo. Paris: L'Arachnéen, 2007.

² *Campagnes de Libération* (1943-1945) foram ações conduzidas, durante a Segunda Guerra, pelas forças aliadas e pelos patriotas que insurgiram para expulsar os alemães dos territórios que ocupavam na Europa (*Larousse illustré*).

³ *Passer (ou sauter) du coq à l'âne*, passar de um assunto ao outro sem transição ou sem motivo, fazer derivar o rumo de uma conversa. A chave da tradução desta frase está na fórmula “Quando tudo anda bem, é hora de tentar outra coisa”, que sucede à expressão. A inversão da expressão popular (passar da água para o vinho) permite – apesar da perda da imagem literal –, alcançar um duplo efeito: por um lado, água e vinho sendo absolutamente distintos (como o galo e o asno); por outro, possibilita expressar o despreendimento das tentativas, que não se seduzem pelo conforto nem se acomodam ao sucesso, como a frase seguinte permitirá entender (pelo que faz todo sentido inverter a ordem do ditado, fazendo uma involução do vinho à água).

⁴ Jornal parisiense, bimestral, fundado em 1966 por Maurice Nadeau e François Eral.

Fernand Deligny: Não vejo mais quase ninguém. Além disso, não teria tempo, porque voltei a escrever. Acontece, às vezes, de estudantes me pedirem um livro que não encontraram na livraria. Contento-me em pensar que fui esquecido, isso não é de todo ruim.

J.-P.M.: *O que te fez escrever novamente?*

F.D.: Quebrei o quadril e, como não posso mais me movimentar muito, eu escrevo. São pequenas coisas sem importância. Retalhos⁵. Procurei a lembrança mais distante. Eu tinha quatro ou cinco anos. Era a guerra. Meus pais estavam refugiados em Bergerac. Um carpinteiro havia nos emprestado seu apartamento. Eu vivia enfiado em seu ateliê, olhava aquele homem simples e, sozinho (porque nunca perguntava nada a ninguém), eu pensava: “Ele retalha a madeira”⁶. As aparas eram o que restava, e, talvez, o melhor.

J.-P.M.: *A palavra pode não ser a mais conveniente, mas você poderia falar sobre sua démarche⁷?*

F.D.: Eu fui criado frequentando cultos religiosos. Minha mãe era viúva de guerra e trabalhava no Banco da França. Algumas imagens são marcantes, como a foto anual dos funcionários sobre a escadaria do Banco. Todos estavam presentes, diretores, funcionários, mas minha mãe estava isolada – por ser sindicalista, “vermelha” e descrente. Ela nunca se enfureceu tanto quanto nessa ocasião da foto. Ela me forçou a ir à igreja apenas porque eu devia herdar algo de um padrinho “rico” da família e, dessa maneira, me incitou à descrença absoluta.

J.-P.M.: *Você falou: “Diria que aquilo para o qual os homens vivem não os vê”...*

⁵ No original, *les copeaux* (fragmentos, lascas, tocos, aparas de madeira, de metal, etc.). A palavra “retalho” (sobras, aparas, em geral de tecido) foi escolhida para traduzir o termo frequentemente usado por Fernand Deligny por permitir, em português, uma compreensão mais clara do sentido atribuído pelo autor a um tipo de escrito fragmentado, produzido através de lembranças pessoais.

⁶ “Il fait des copeaux” (“Ele faz aparas”, “Ele retalha”). Reitero o ofício do carpinteiro adicionando o objeto do seu trabalho à frase, embora isso não esteja presente no original.

⁷ Sem equivalente exato em português, *démarche* denota tanto “maneira de andar”, “cadência (de uma caminhada)”, “ritmo”, “passo”, “passada” quanto, por extensão, “atitude”, “ímpeto” etc.

F.D.: Não me lembro disso. Sempre pensei por fórmulas lapidares. Agora, a única coisa que posso me perguntar é o que eu quis dizer com isso. É preciso que alguma coisa venha em seguida, para permitir circunstanciar uma posição moderna, atual – moderna não, atual. Estava aqui me perguntando o que você quer de mim.

(Risos.)

Então, eu me disse: “Ainda não falamos dos autistas!”. Não podemos sonhar com mais belo obstáculo aos educadores que o autista, que nada tem a fazer de nada⁸. E, certamente, há quem os queira interessados... Para um autista, o mínimo gesto se torna um rito. Todo o segredo está em não curar nada. É isso que faz com que nos entendamos bem com Janmari, porque não podemos curar quem não está doente. Aí está: ele não tem nada. Então, por que tratá-lo como se ele tivesse sido atingido por alguma coisa? Uma criança autista brinca sozinha, embora ela não esteja só. É que ela não está só e, além do mais, ela não brinca.

J.-P.M.: *O que o levou a escrever – há muito tempo atrás – que desconfiava do “Estado que governa ou que demanda um homem novo”?*

F.D.: Talvez seja uma marca do meu professor de filosofia, que dizia: “Amanhã de manhã faremos composição filosófica, mas não tragam livros”... Todos chegaram com caixas repletas de obras. Ele escreveu o assunto no quadro negro numa elegante caligrafia, e deixou a sala dizendo: “Voltarei para buscar as cópias em quatro horas”. Então, obviamente, todos abriram os livros e copiaram dez, quinze, vinte páginas, o máximo que podiam. Decorridos oito dias, nos inquietaram os resultados. Disse ele: “Foi muito interessante o que fizeram, leva tempo para corrigir”... E depois, noutro dia, ele chegou com o pacote de cópias, e começou a lançá-las ao ar – o mais alto possível: “Bom, primeiro, Sr. Fulano⁹; segundo, Sr. Beltrano...” Me lembro de ter sido o décimo sétimo. Aquilo me marcou até os ossos. Se minha mãe era descrente, ele era incrédulo...

J.-P.M.: *Uma figura ambígua...*

⁸ No original, “... qui n’a rien à faire de rien”.

⁹ No original *untel* – substantivo usado para designar pessoa a quem não se quer nomear. Em português equivale à tríade “fulano, beltrano e sicrano”.

F.D.: Nada pode se cristalizar em um estado, jamais. Quando isso acontece, é monstruoso.

J.-P.M.: *Sobre Makarenko, você disse: “Ele sentia muito orgulho em encher a União Soviética de engenheiros”...*

F.D.: Para mim, o comunismo é um movimento. Um movimento permanente. Eu tinha perdido o hábito de formular ideias conforme as minhas próprias crenças¹⁰. É preciso encontrar a oportunidade para isso. Quando jovem, aderi seis vezes ao Partido Comunista. Mais uma marca: Pierre Simonot, que ainda era médico na Segurança Social¹¹. Isso aconteceu nos anos trinta... Época em que me tornei militante, estava arruinado. Então, caí como uma luva naquilo que o Partido buscava junto aos intelectuais comunistas. Fui bem tratado, podia falar do que quisesse, mas nunca disse nada, por medo de tentarem me atribuir verdades primeiras. Quando se experimentam privilégios deste tipo, então é hora de abandonar. Foi o que eu fiz. Contudo, sempre mantive o pensamento comunista.

J.-P.M.: *Ainda?*

F.D.: A descrença. Em primeiro lugar, a descrença...

J.-P.M.: *Você disse: “quando se experimentam privilégios deste tipo, então é hora de abandonar”... Isso faz pensar nos manifestantes surrealistas: “largue tudo, vá para a rua!”...¹²*

F.D.: Eu conheço, ou melhor, eu reconheço. No fundo, é muito simples pensar dessa forma...

¹⁰ No original, “J’ai perdu l’habitude d’avoir les idées de mes propres croyances”.

¹¹ *La Sécurité Sociale* designa um conjunto de dispositivos e de instituições do Estado francês que tem por função proteger os indivíduos das consequências de eventos ou situações adversas, geralmente qualificadas como ‘riscos sociais’.

¹² Frase-emblema do surrealista André Breton: “Lâchez tout, partez sur les routes!”.

(Fernand Deligny se interrompe. Apanha uma espécie de estojo e lê alguns “retalhos”):

– ‘Um galo anão começa a cantar às 11 horas da noite’.

– ‘A memória tem a carga de tudo o que nós lemos’.

– ‘Meus vizinhos portugueses são maçons. Eles têm um caminhão que eu escuto partir pela manhã e voltar à noite’.

– ‘Para quem está disposto a ver, nos muros de gesso branco, há sempre pequenas ranhuras¹³ traçadas para a eternidade, pela mão daquele que nos trouxe aqui.’

– ‘Eu acredito que o homem pode se tornar isso que ele pode se tornar’.

– ‘Minha vida foi longa. Tive tempo para trabalhar de motocicleta.’

– ‘Por vezes esperei do lado de fora, sem entrar na sala de aula, enquanto todos os outros estavam dentro, a portas fechadas’.

– ‘Eu escuto a Terra que gira’.

Isso que escrevi não pede explicação. Por exemplo, eu sou caquético¹⁴. Há palavras como essa, é preciso deixá-las passar para compreendê-las. Caquético, nunca soube o que quis dizer. Uma palavra grega, ao que parece...¹⁵ Há pouco, falei do Partido Comunista. O erro, se é que podemos dizer assim, faz parte do movimento. Portanto, é

¹³ A frase original diz o seguinte : “Toujours aux murs de *plâtre blanc*, pour qui veut bien y voir, il y a un *petit graffiti* tracé pour l’éternité par la main de celui qui nous amène ici” (grifos nossos). Preferimos, em português, a imagem das ranhuras no gesso, em vez do grafite, valorizando o aspecto discreto, quase imperceptível, mas ao mesmo tempo notável – presente ‘a quem se dispõe a ver’ – das linhas e traços inscritos na superfície sensível à qual este ‘retalho’ remete.

¹⁴ No original, *cacochyme*, “de saúde frágil, débil, valetudinário”.

¹⁵ O Houaiss confirma a suspeita etimológica de Deligny: “gr. *kakhetikós*, ê, ón, ‘que tem má constituição física’”.

preciso fazer isso ranger. É a isso que me apego, que me apegaria, se eu me apegasse a alguma coisa...¹⁶.

J.-P.M.: *Você falou de erro...*

F.D.: Por muito tempo havia palavras de ordem. Dizia-se aos trabalhadores: “Salário!”¹⁷. Mas acho que isso lhes cortou a língua¹⁸. Acreditava-se que esse era o pensamento deles – talvez não fosse desse jeito. Em todo caso, eles não pensam em “Salário!”. A verdade é que, na vida, ou você morde, ou é mordido... Há todo um lado que é negligenciado, abandonado e que poderia ser revigorado.

J.-P.M.: *Um lado da apropriação, por si mesmo, de outra cultura...*

F.D.: É isso, a classe. Ela fala ou ela bloqueia.

J.-P.M.: *Você falou de descrença e incredulidade. No entanto, podemos crer em outra coisa em vez de Deus?*

F.D.: Então, isso não é mais crer, é outra coisa. É ter confiança. Joga-se sempre com as mesmas palavras. Acreditar é um termo que é subjacente a cada pensamento. Não acreditar é sempre definido em relação a acreditar. E a negação é sempre secundária em relação à afirmação. Como se o estado natural fosse crer!

J.-P.M.: *Há duas ou três décadas, você proferiu esta frase implacável: “O humanismo porta em germe o totalitarismo”...*

F.D.: É uma velha história. Eu estava em confronto com o mundo naquele momento. Hoje não diria coisas assim. Não faz mais sentido, data de outra época... Quando escrevi foi para protestar contra alguma coisa. E, em geral, para protestar contra as ideias em voga. Como acontecia quando ouvia falar do humano, como se ele tivesse caído do céu!

¹⁶ No original: “je tiens [...] je tiendrais [...] je tenais”.

¹⁷ No original: “*Des sous!*”, expressão popular para “dinheiro”, “grana”, “tutu” (e, por extensão, salário). A correspondência exata em português é difícil, mas a chave é dada pelo contexto político-sindical em que se insere o comentário de Deligny.

¹⁸ A expressão francesa *couper la chique* significa “interromper (a fala ou assunto de alguém) de modo brusco” (*Dictionnaire Larousse du Français Argotique et Populaire*).

E esta chuva cai por toda parte¹⁹... Como assim? Vi muitas pessoas tentarem esmiuçar o inato e o adquirido, mas foi sempre mal esmiuçado. Isso, eu devo a Wallon...

J.-P.M.: *Você estava na contracorrente?*

F.D.: Eu não sei, para estar na contracorrente é preciso conhecer a corrente...

J.-P.M.: *Em todo caso, você ainda guarda memória de suas contracorrentes?*

F.D.: Estou tentando pensar em algo mais preciso. Nisso, meu guru é Janmari. As bobagens que são ditas a respeito do autismo me informam sobre o que está na moda. Fala-se dos autistas de longe, nunca de perto. Janmari é um elo sagrado. Esquece-se sempre que não é o autista que responde àquilo que lhe propõem. Ele é tido como alguém que caiu do céu dotado de reações. O agir não existe. É uma fórmula zombeteira. Age-se sempre em reação a alguma coisa. Ora, quem materializa isso? O autista. Esquece-se sempre de falar do impacto do meio, da morte, de tudo isso que cerca a diferença. Trata-se de um pensamento destroçado. Em 1967, havia a preocupação em escapar da sociedade, não importava qual fosse a ocasião. Era como se Janmari e seus semelhantes – se assim podemos dizer – tivessem encontrado uma chance. Nós queríamos fazer alguma coisa de útil para evitar mais estragos, impedindo que fossem para um hospital psiquiátrico...

J.-P.M.: *Você conseguiu...*

F.D.: Eu vivi durante cinco anos em Armentières, naquele que era considerado o pior Hospital Psiquiátrico da França. Isso não foi de modo algum assustador, como se diz. Em cada pavilhão, criou-se uma espécie de clima, que provocava, na realidade, uma maneira de estar. Adquiri minha filosofia de vida sob o olhar daqueles que então eram chamados de “tantãs”²⁰. Já que nós tínhamos que viver juntos, como fazer para nos situarmos no humanamente possível? Assim, nos questionávamos: o que é o humano? Fala-se disso o tempo todo, mas não se sabe o que é o humano. Não existe uma

¹⁹ No original “Et l’humain, ça tombe loin...” (“E o humano, isso cai longe”, numa tradução literal).

²⁰ No original *maboul*. No sentido popular, é aquele que perdeu a razão: maluco, louco, tantã.

“espécie” humana. O livro que eu quero escrever agora reúne fragmentos de um pensamento que se opõe...

J.-P.M.: *A todo o momento você fala de escapar...*

F.D.: Trata-se muito claramente de escapar à intimidação dominante. A cada momento eu escapava ao que eu mesmo fazia. Próximo daqui há uma grande casa: tive o sonho de estabelecer uma comunidade de cento e cinquenta ou duzentos indivíduos... Para falar claramente, é preciso viver junto. A palavra “asilo” quer dizer refúgio. Mas se tornou símbolo do que existe de pior, um lugar de onde não se sai nunca. O asilo foi criado para reter as pessoas. Em Armentières, naquele momento, o diretor era um crápula. Quando havia agitação, ele chegava com sua velha bicicleta. Ao ouvir o barulho, os “tantãs” paravam. Ele era movido por uma simpatia incrível e, ao mesmo tempo, era considerado um bruto em relação a eles. Falam-se coisas e, você pode ver, nunca tocam na verdade dessas coisas. Quando nós tocamos na realidade disso que é o mais profundo, não há mais nada a dizer...

Tradução:

Thalita Carla de Lima Melo

Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Professor Adjunto 1 do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/Maceió